

VIA TEOLÓGICA

Volume 22 – Número 44 – dez / 2021

ISSN 1676-0131 (IMPRESSA)

ISSN 2526-4303 (ON LINE)

ARTIGO

O ESTUDO DE COSMOVISÕES NO CONTEXTO DA FORMAÇÃO E DA PRÁTICA DO EVANGELISMO

Rafael Rodrigues Vieira

O ESTUDO DE COSMOVISÕES NO CONTEXTO DA FORMAÇÃO E DA PRÁTICA DO EVANGELISMO

The study of worldviews in the context of education and practice of
evangelism

Rafael Rodrigues Vieira¹

¹ Mestre em Ministérios pela Carolina University. Pedagogo (UECE). Especialista em Gestão Educacional (UCAM). Teologia (SIBIMA). Missionário (Ministério Multicultural Maranata). Pastor da Igreja Bíblica Maranata (Fortaleza/CE). Formador de Professores da Secretaria de Educação de Maracanaú/CE. Esposo de Ana Lídia e pai de Misael e Isabela Vieira. E-mail: 250186.r@gmail.com

RESUMO

A proposta deste artigo é descrever o conceito de cosmovisão e a sua influência no processo de leitura da realidade e no desenvolvimento da prática de Evangelismo. Para tal intento, faz-se necessário apresentar a origem da palavra *cosmovisão* e a maneira como ela vem sendo empregada na realidade social. Não se tem a intenção de esgotar a temática, mas, sim, a partir dos conceitos, discutir a sua relevância no contexto da prática de Evangelismo, visto o *locus* de atuação do futuro teólogo ser o campo ministerial. Entende-se que o campo ministerial seja uma porta que se abre ao desenvolvimento de ações fundamentadas na cosmovisão eleita. A cosmovisão não pode ser separada dos indivíduos, tampouco dos grupos sociais. Ao contrário, ela se torna a lente que permite fazer leituras sobre o ser e o estar no mundo, pois é a partir dela que cada ser humano responde às questões essenciais e existenciais sobre a vida.

Palavras-chave: Cosmovisão. Evangelismo. Campo Ministerial.

ABSTRACT

The purpose of this article is to describe the concept of worldview and its influence on the process of reading reality and on the development of the practice of Evangelism. For this purpose, it is necessary to present the origin of the word *cosmovision* and a way in which it has been used in social reality. It is not intended to be used from concepts, but rather to its context of the practice of Evangelism, since the locus of action of the future theologian is or ministerial field. It is understood that the ministerial field is a door that opens to the development of actions based on the elected worldview. The worldview cannot be separated from organisms, from social groups. On the contrary, it becomes the lens that allows readings

about being and being in the world, because it is from this that each human being responds to essential and existential questions about life.

Keywords: Cosmovision. Evangelism. Ministerial Field.

INTRODUÇÃO

O estudo sobre cosmovisão refere-se à abordagem empregada na compreensão e prática do Evangelismo e das Missões, daí a necessidade de se conhecer não apenas a lente cristã, mas as diversas leituras da realidade defendidas por diferentes matizes religiosas. Isso, por sua vez, demanda clareza sobre os pressupostos que formam as cosmovisões, que são apropriados por mentes e corações humanos. Conhecendo tais lentes, pode ser que o trabalho a ser efetivado no contexto do Evangelismo e das Missões se torne mais eficiente na medida em que atinge o ponto central, que é a apresentação do Evangelho. Afinal, parte-se do princípio de que quando se conhece a cosmovisão do público-alvo é possível lançar mão do diálogo como ponte de comunicação e ensino, havendo o aperfeiçoamento da prática discipular presente na *Grande Comissão*.

A incursão que precisa ser feita em relação à cosmovisão diz respeito ao seu conceito, que permite compreender a sua influência na vida de pessoas e grupos sociais. De maneira geral, a cosmovisão é definida como uma forma de leitura da realidade, ou seja, o modo como homens e mulheres enxergam o mundo, envolvendo os aspectos materiais e sobrenaturais. Ela é considerada, ainda, um sistema de crença que explicita, a partir dos seus pressupostos, os elementos essenciais à vida. Cabe, agora, apresentar a definição de cosmovisão e a maneira como ela exerce influência na realidade.

1. CONCEITOS E DEFINIÇÕES DE COSMOVISÃO

O termo alemão *Weltanschauung* traz o significado de *visão de mundo*, ou seja, a forma como cada pessoa entende os fatos da vida. Historicamente, o conceito de *Weltanschauung* foi desenvolvido por dois pensadores: Wilhelm Dilthey (1833-1911) e Ludwing Wittgenstein (1889-1951), entretanto, apresenta-se aqui somente o pensamento de Dilthey por sua influência no pensamento teológico.

Dilthey reprovava qualquer sistema metafísico que defendia a validade universal e, se assim acontecesse, a metafísica não existiria. Por esse motivo propôs a reflexão situada na História e fundamentada na experiência (cosmovisão), a fim de capacitar o entendimento sobre a existência humana. Isso significa que a cosmovisão não advém somente da oralidade, mas é construída a partir das experiências significativas de cada indivíduo. Ou seja, as leituras feitas e os momentos vivenciados (na sua intensidade ou não) são os tijolos da edificação cosmovisional dos indivíduos.²

Campos Júnior compartilha da ideia central de cosmovisão defendida pelo teórico Dilthey, para quem a cosmovisão é

[...] um conjunto de categorias mentais surgidas de experiências vividas profundamente que essencialmente determinam como uma pessoa entende, sente e responde em ação ao que ele ou ela percebe do mundo em derredor e as charadas que o mesmo apresenta.³

Assim, embora Dilthey sustentasse que há uma realidade comum, ele retratava “cosmovisão” como sendo própria de cada um, a qual poderia ser a mesma de outra pessoa pela semelhança que há entre as duas (quanto à cultura, época, experiência de

2 CAMPOS JÚNIOR, Heber Carlos de. **Amando a Deus no mundo**: por uma cosmovisão reformada. São José dos Campos: Fiel, 2019, p. 83.

3 CAMPOS JÚNIOR, 2019, p. 83.

vida, sentimentos). Isso revela que o traço marcante do conceito de Dilthey reside na questão da subjetividade, pois para ele a cosmovisão é própria de cada pessoa.

A questão da subjetividade é revisitada no conceito de Campos Júnior ao afirmar que:

Cosmovisão é o conjunto de pressupostos e premissas de vida que carregamos em nosso mais íntimo, com um apego tal que esse sistema de crenças norteia todo o nosso engajamento com o mundo – proporcionando a leitura que fazemos da realidade e as bases para nossas ações e reações ao que a realidade nos traz – sem, contudo, deixar de ser moldado por fatores externos que são interiorizados por diferentes processos de apropriação.⁴

Para Campos Júnior, a cosmovisão pode sofrer alteração durante a existência humana, ou seja, a cosmovisão possui uma estrutura dinâmica e não estática, sendo possível remodelá-la diante das experiências (externas), vivenciadas, porém, com resultados internos. Na concepção do autor, o termo *cosmovisão* evidencia um significado de mundo e uma visão de vida ou um paradigma.

Na perspectiva de Geisler, a cosmovisão é definida como uma “estrutura por meio da qual a pessoa entende os dados da vida. Uma cosmovisão influencia muito a maneira em que a pessoa vê Deus, origens, mal, natureza humana valores e destino”.⁵ Para o autor, a cosmovisão tem por finalidade as questões existenciais que se referem a um campo da realidade de vida.

Geisler e Turek elaboraram uma série de perguntas cosmovisionais, que foram sistematizadas e estão representadas no Quadro 1, a seguir:

4 CAMPOS JÚNIOR, 2019, p. 70.

5 GEISLER, Norman L. **Enciclopédica apologética**: respostas aos críticos da fé. São Paulo: Vida, 2002, p. 188.

Quadro 1. Perguntas cosmovisionais

PERGUNTA	A QUE SE REFERE A PERGUNTA?
De onde viemos?	Origem da vida
Quem somos?	Nossa identidade
Por que estamos aqui?	Propósito da vida
Como devemos viver?	Moralidade a ser adotada
Para onde vamos?	Nosso destino

Fonte: Geisler e Turek.⁶

Deduz-se, então, que a cosmovisão influencia e atua no processo da formação do pensamento humano sobre todos os assuntos, tais como: Deus, origem, mal, natureza humana, valores, destino, ética e morte. Ela também é demonstrada na forma como as pessoas executam as suas ações.

A cosmovisão responde à principal pergunta: “De onde viemos?” A partir dela outros questionamentos são elaborados sobre a morte, o propósito da vida, o futuro e os atos virtuosos e suas consequências para a existência do ser humano. A perspectiva de se buscar respostas essenciais e existenciais da vida corrobora com o pensamento de Ryken que afirma:

[...] as cosmovisões são inerentemente religiosas. Por estar na essência de quem somos, nossa cosmovisão revela nossas convicções fundamentais, inclusive, o que acreditamos (ou não acreditamos) a respeito de Deus. Não existe neutralidade espiritual – não há visão a partir do nada.⁷

Miller, por sua vez, evidencia que a fé é um instrumento fundamental do ser humano, que está ancorada na composição básica do universo e no seu funcionamento. Em outras palavras, todo ser humano possui uma cosmovisão, independentemente

6 GEISLER, Norman L.; TUREK, Frank. **Não tenho fé suficiente para ser ateu**. São Paulo: Vida, 2006, p. 13.

7 RYKEN, Philip. **Cosmovisão cristã: com guia de estudos e glossário**. São Paulo: Cultura Cristã, 2015, p. 16.

de crer no teísmo ou não, e o combustível para isso é a fé. O autor define cosmovisão como “um conjunto de suposições em que se crê consciente ou inconscientemente, pela fé, com respeito à composição básica do universo e como ele funciona”.⁸

De forma ilustrada é possível dizer que a cosmovisão assume papel invisível, como o vento, que é real, porém, não se pode segurá-lo. Pode-se sentir o vento e ver as suas consequências, porém, não é possível concretizá-lo. Assim é a cosmovisão: imaterial, entretanto, perceptível na fala e nas atitudes de cada indivíduo. As palavras, ações e pensamentos são oriundos dessa cosmovisão, pois “uma cosmovisão torna-se referente da vida (vir, de vir e do por vir) e do seu propósito”.⁹ Em consonância com essa mesma teoria, Bocchino e Geisler ressaltam que “a cosmovisão dá forma ou colore o modo que pensamos e fornece a condição interpretativa para entender e explicar os fatos de nossa existência”¹⁰.

Pearcey relaciona a cosmovisão a um instrumento de localização, sem o qual é impossível chegar ao destino correto. Segundo o autor, “a cosmovisão é um mapa mental que nos diz como navegar de modo eficaz no mundo”¹¹, daí a necessidade de possuí-lo e usá-lo cotidianamente. Nessa perspectiva, a cosmovisão assume a forma de um instrumento de navegação, capaz de apresentar as coordenadas necessárias para a vida, o que lhe assegura uma natureza utilitária para que se obtenha êxito no caminho a ser trilhado no cosmos.

Isso assinala a utilidade da cosmovisão, que é eficaz no sentido de guiar as ações, os pensamentos e os posicionamentos

8 MILLER, Darrow L. **Discipulando nações**: o poder da verdade para transformar culturas. Curitiba: Fato É, 2003, p. 34-35.

9 DOMINGUES, G. S. **Cosmovisão e educação**: panorama histórico e temático. In: DOMINGUES, G. S.; RUPPENTHAL NETO, W. (Orgs.). **Cosmovisão e Educação**: panorama histórico e temático. Curitiba: Emanuel, 2018a, p. 129.

10 BOCCHINO, P.; GEISLER, N. L. **Fundamentos inabaláveis**: respostas aos maiores questionamentos contemporâneos sobre a fé cristã: clonagem, bioética, aborto, eutanásia, macroevolução. Heber Carlos de Campos (Trad.). São Paulo: Vida, 2003, p. 53.

11 PEARCEY, Norma. **Verdade absoluta**: libertando o Cristianismo de seu cativeiro cultural. Rio de Janeiro: CPAD, 2012, p. 25-26.

adotados. É preciso esclarecer, entretanto, que como instrumento ele tem suas limitações, visto que pode dar orientações equivocadas devido a ocorrências de falhas no seu funcionamento, advindas da própria lente adotada, principalmente, quando entra em confronto com outras lentes.

Souza define a cosmovisão a partir da analogia com o instrumento matemático – o compasso. O sentido é que sem o compasso não é possível obter o cálculo real da imagem. Assim, o autor diz que a cosmovisão funcionaria como

um compasso ou um mapa, que nos orientaria quanto ao mundo em geral, dando-nos sentido do que está certo ou errado na confusão dos eventos e fenômenos que confrontamos, afetando a forma como acessamos os eventos da vida. [...] a cosmovisão não apenas indica aonde navegar, mas o sentido do caminho a seguir, diante das possibilidades apresentadas. As pressuposições contidas no sistema de crenças, então, podem convergir ou divergir do que é proposto no interior de uma cultura, diante da escolha realizada sobre o modo de ler a realidade.¹²

Ao relacionar a cosmovisão ao compasso, Souza reflete sobre a verdadeira necessidade da busca de uma cosmovisão que seja de fato eficaz ao desenvolvimento e à sobrevivência neste mundo, revelando que pode haver multiplicidade de cosmovisões coexistentes. Cabe, agora, descrevê-las, mas sem a pretensão de trabalhar com todas elas e, sim, apenas com três delas, por serem alvo desta investigação, a saber: a cristã, a secular e a animista.

12 SOUZA, Rodolfo Amorim Carlos de. Cosmovisão: evolução do conceito e aplicação cristã. In: LEITE, Cláudio Antônio Cardoso; CARVALHO, Guilherme Vilela Ribeiro de; CUNHA, Maurício José Silva (Orgs.). Cosmovisão cristã e transformação. Viçosa: Ultimato, 2006, p. 41.

2. A INFLUÊNCIA DA BASE COSMOVISSIONAL NA EXPLICAÇÃO E LEITURA DA REALIDADE

As cosmovisões, de fato, influenciam a realidade social, principalmente quanto à forma como são tecidas as leituras da realidade. Essas cosmovisões apresentam pressupostos que dão significado ao conjunto de crenças. É claro que no seu interior existem posicionamentos que asseguram aos indivíduos e grupos sociais respostas sobre as questões basilares da vida.

Ao resumir o mundo em duas grandes cosmovisões (bíblica e ocidental), Goheen e Bartholomew¹³ apresentam a visão do teórico cristão James Orr. Numa época em que a cultura pós-iluminista estava chegando para dominar o Ocidente, James Orr e Abraham Kuyper expuseram à Igreja que respostas fragmentadas não eram as armas mais potentes para o combate ao entrave filosófico. Goheen e Bartholomew explicam reproduzindo as palavras de James Orr:

Aquele que crê de todo o coração em Jesus como o Filho de Deus está desse modo, comprometido com muito mais do que isso. Ele se compromete com determinada ideia a respeito de Deus, determinada ideia a respeito do homem, determinada ideia a respeito do pecado, determinada ideia a respeito da redenção, determinada ideia a respeito do propósito de Deus na criação e na história, determinada ideia a respeito do destino humano encontrado somente no cristianismo. Isso constitui uma “*Weltanschauung*” ou uma “visão cristã do mundo” [...]. A visão cristã das coisas forma um conjunto lógico que não pode ser solapado, aceito ou rejeitado de modo fragmentado; antes, resiste ou desmorona integralmente e só pode ser enfraquecido com tentativas de

13 GOHEEN, Michael W.; BARTHOLOMEW, Craig G. **Introdução à cosmovisão cristã: vivendo na intersecção entre a visão bíblica e a contemporânea.** Tradução de Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2016.

fusão ou concessões com teorias que repousam sobre bases totalmente distintas.¹⁴

Para James Orr, os cristãos, ao vivenciarem claramente a sua visão cristocêntrica, seriam uma arma para combater a cosmovisão pós-iluminista. Essa seria a grande distinção entre os adeptos das cosmovisões antagônicas.

Sire¹⁵ elenca sete questionamentos universais sobre as realidades material e imaterial, os quais são íntimos, pois revelam os anseios mais profundos do coração humano, os propósitos da vida, do ser humano, do universo e do sentido da adoração. Afinal, “o que escolhemos adorar importa terrivelmente e sempre está vinculado a toda nossa perspectiva do mundo”.¹⁶ Dessarte, é possível dizer que a cosmovisão perpassa aspectos imateriais, revelando os anseios mais intrínsecos do ser humano.

1) Qual a realidade primordial – o que é realmente verdadeiro? 2) Qual é a natureza da realidade externa, isto é, do mundo ao nosso redor? 3) O que é o ser humano? 4) O que acontece quando uma pessoa morre? 5) Por que é possível conhecer alguma coisa? 6) Como sabemos o que é certo ou errado? 7) Qual o significado da história humana?¹⁷

Tais indagações perpassam diferentes áreas da formação humana e traduzem os anseios da existência do cosmos. Ou seja, revelam a complexidade do pensamento que está presente na vida de diferentes grupos sociais, principalmente daqueles que se situam no campo da moral e da conduta. A partir das questões produzidas é que cada sistema de crenças se assenta em bases que dão origem aos pressupostos defendidos. Domingues colabora nesse sentido ao afirmar que:

Os pressupostos são aqueles que sustentam a base das leituras efetivadas e que dão direção

14 GOHEEN; BARTHOLOMEW, 2016, p. 39.

15 SIRE, James. **O universo ao lado**. São Paulo: Hagnos, 2001.

16 RYKEN, 2015, p. 17.

17 SIRE, 2001, p. 22-23.

às respostas que o ser humano emite sobre as questões essenciais da vida. É claro que esses pressupostos são colocados à prova, quando se tornam alvos de questionamentos, porém, é preciso compreender que se ele resiste ao tempo, isso é indicativo de que eles são válidos e fornecem segurança sobre o sentido atribuído à vida.¹⁸

Os pressupostos são portadores de explicações, apropriadas consciente ou inconsciente pelos indivíduos e ou grupos sociais. A partir desses pressupostos é possível oferecer respostas às questões essenciais da vida, à medida que eles ajudam na sua compreensão e razão de ser. É preciso ressaltar, contudo, que em relação à validação ou não dos pressupostos, ocorre o seguinte entendimento:

Se os axiomas são negados, as proposições a partir deles deduzidas não seguem logicamente, pois não há nada a partir do qual eles podem seguir – a validade de todo sistema se torna suspeita. De modo semelhante, o conhecimento humano depende de certas suposições muitas vezes implícitas, às vezes não reconhecidas e frequentemente não provadas.¹⁹

209

Hiebert²⁰ faz menção aos campos de atuação dos pressupostos na vida humana. Segundo o autor, os pressupostos podem ser categorizados em três campos: *cognitivos*, *afetivos* e *avaliadores*, que são adotados por um grupo de pessoas para refletir sobre a natureza das coisas, utilizando-os para organizar a vida.

O campo *cognitivo* é demarcado pela construção de raciocínio e, por isso, ele se assenta no plano das argumentações, explicações e verificação lógica a serem aplicadas no entendimento da realidade. O campo da argumentação não se distancia da proposta cosmovisional. Antes, nos dizeres de Hiebert:

18 DOMINGUES, Gleyds Silva. **Visão de mundo e a lente bíblica para a ler a realidade**. Curitiba: Discipular, 2021, p. 15.

19 NASH, Ronald. **Cosmovisões em conflito**: escolhendo o cristianismo em um mundo de ideias. Brasília: Monergismo, 2012, p. 32.

20 HIEBERT, Paul. **Transformando cosmovisões**: uma análise antropológica de como as pessoas mudam. São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 19.

[...] inclui profundos pressupostos sobre a realidade compartilhada pelos membros de um grupo. Ela abrange as categorias mentais e a lógica que as pessoas usam para pensar, bem como os temas e contratemas cognitivos que formam a base da cultura. Ela fornece à cultura as estruturas mentais fundamentais que as pessoas usam para definir e explicar a realidade.²¹

O campo *afetivo* é aquele que abarca as ideias aceitas por vínculos ou laços que unem o comunicador e o receptor de uma ideia. Para Hiebert, eles

[...] fundamentam noções de beleza, estilo e estética encontradas em uma cultura [...]. Temas afetivos intensos, abrangentes e duradouros atuam como parede, protegendo as crenças de ataques internos e externos ao fornecer apoio emocional à sua veracidade.²²

Entende-se, assim, que o campo da afetividade e das emoções também é contemplado pela perspectiva cosmovisional. Já o campo *avaliador* é o da reflexão sobre a aplicabilidade do conceito na vida, diante do significado e da legitimidade adquirida. Segundo Hiebert, eles

[...] dão origem à ordem social e moral em uma cultura. Eles incluem noções como virtude, padrões, moralidade e costumes que, por sua vez, fornecem as normas que as pessoas usam para fazer juízos de valor, incluindo os critérios para determinar verdade e falsidade, certo e errado, o que se gosta e o que não se gosta.²³

Cabe ressaltar que os pressupostos divergem entre si porque são sustentados por sistemas de crenças diversas. Por esse motivo, uma questão sobre a existência do ser humano apresenta diferentes respostas, de acordo com a leitura efetivada pela cosmovisão. As respostas são aquelas que fundamentam o

21 HIEBERT, 2015, p. 20.

22 HIEBERT, 2016, p. 69.

23 HIEBERT, 2015, p. 69.

sentido da vida para as pessoas e grupos sociais, evidenciando o campo das prioridades e que são reveladoras dos significados construídos em torno da existência. Assim:

As pessoas que afirmam não acreditar em Deus têm, todavia, obrigações controladoras, que se refletem na forma como lidam com o dever escolar, como gastam seu dinheiro, decidem seu voto, usam seus smartphones e fazem todas as outras coisas. Aquilo que é irrevogável para nós molda toda nossa identidade.²⁴

Dito isto, cabe agora fazer uma breve explicação sobre as cosmovisões eleitas nesta investigação: *secularista*, *animista* e *cristã*, reconhecendo que cada uma delas trará pressupostos que irão fundamentar a sua razão de ser. Pontua-se, contudo, que “a única cosmovisão que traz vida é aquela que conduz à eterna adoração a Deus”.²⁵

A cosmovisão *secularista* se fundamenta na perspectiva material e humanista da vida e existência. É por isso que em suas premissas não há espaço para a presença de um Criador, e o ser humano, a partir do exercício da autonomia, se torna responsável pela criação de mundos. Sobre isso, Madureira esclarece que:

A secularização é um processo de transferência da cosmovisão cristã para a cosmovisão secularista, isto é, trata-se da conversão do coração que antes estava comprometido a viver no mundo em que Deus é o centro (teonomia) para o coração que agora está comprometido a viver de um modo como se Deus não existisse (autonomia).²⁶

Na perspectiva secularista não há que se falar em Deus, tampouco em seus atributos de governo, autoridade e soberania. Antes, o eixo é movido pelo ser humano, sendo ele quem trará

24 RYKEN, 2015, p. 16.

25 RYKEN, 2015, p. 17.

26 MADUREIRA, Jonas. **Inteligência humilhada**. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 280.

respostas particulares à vida. Cabe dizer, entretanto, que o secularismo também utiliza a questão do dualismo, reconhecendo que, “se de um lado os cristãos traçaram uma linha para dividir o mundo em dois, do outro, os secularistas assumiram essa linha e fizeram dela uma espécie de motivo para justificar a irrelevância da cosmovisão cristã para a sociedade como um todo”.²⁷

Nesse sentido, Madureira traz o entendimento de Grenz, para quem a não legitimação dos pressupostos da cosmovisão cristã pelo viés secularista, numa vertente pós-moderna, implica “[...] um tipo radical de relativismo e pluralismo. [...] o pluralismo relativista pós-moderno procura dar espaço à natureza ‘local’ da verdade. As crenças são consideradas verdadeiras no contexto das comunidades que a defendem”.²⁸

Dentre os outros pressupostos que residem no interior do secularismo, estão o *relativismo*, o *pluralismo* e a *postura do politicamente correto*. Assim, “o sentido da vida, orientação e felicidade são entendidos e buscados na prosperidade econômica, no conforto material e na realização emocional do presente”.²⁹ A ênfase recai sobre o ter, o que pode gerar a compulsão pelas coisas.

Sobre o sentido de ser humano, a visão secularista defende que “não fomos feitos para um propósito, então é inútil até mesmo tentar falar em bem e mal moral”.³⁰ “A moralidade é apenas uma função do poder cultural. As regras morais são relativas”³¹, o que indica que a ética ocupa um espaço secundário nas relações humanas, tal qual a verdade. “A verdade foi perdida por causa da arrogância intelectual que rejeitou a revelação divina e tentou descobrir a verdade somente com a mente humana”.³²

27 MADUREIRA, 2017, p. 284.

28 MADUREIRA, 2017, p. 29-30.

29 KELLER, Timothy. **Deus na era secular**: como cétricos podem encontrar sentido no Cristianismo. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 13.

30 KELLER, 2018, p. 237.

31 MANGALWADI, **Vishal**. **Verdade e transformação**: um manifesto para curar as nações. Curitiba: Publicações Transforma, 2009, p. 34.

32 MANGALWADI, 2009, p. 28.

Na cosmovisão *animista* o corpo físico não tem valor, mas, sim, o espírito, por isso que há ênfase em práticas de ascese e meditação, pois elas visam alcançar o equilíbrio do espírito. “A meta do homem é livrar-se da escravidão física deste mundo e regressar à unidade do espírito”.³³

Acrescenta-se à prática de ascese que “o princípio da Meditação Transcendental não é saber a verdade, mas esvaziar a mente de todos os pensamentos racionais para transcender ao pensar. Pensar é permanecer na ignorância”.³⁴ Não se busca, então, a reflexão ou a compreensão lógica da existência, mas a condenação da racionalidade e dos seus princípios lógicos.

Ainda sobre a cosmovisão animista, Poupard afirma que ela “subsiste na forma do naturalismo ou culto aos fenômenos naturais, como: o Sol, o fogo, a Lua, a chuva, as tormentas”.³⁵ Challaye, por sua vez, acrescenta que é “uma atitude que coloca em toda natureza espíritos mais ou menos análogos ao espírito do homem”.³⁶ Lidório corrobora o entendimento de Poupard e Challave, adicionando que:

Essa força da vida – autoexistente – manifesta-se transferindo vida para outros elementos da natureza: plantas, elementos inanimados, vento, animais, homens, e assim por diante [...]. O universo é vitalizado por uma única força, que se associa a seus habitantes – animados ou inanimados, fazendo com que sejam os homens apenas parte do todo, dependentes do todo e ligados ao todo.³⁷

O viés da cosmovisão animista é panteísta, o que indica que “deus” se confunde com a criação. Ele não governa e nem

33 “*La meta del hombre es librarse de la esclavitud física de este mundo y regresar a la unidad de espíritu.*” (tradução própria). MILLER, Darrow. **Discipulando naciones**: el poder de la verdad para transformar culturas. Managua, Nicaragua, 2001, p. 78.

34 MANGALWADI, 2009, p. 41.

35 POUPARD, Paul. **Diccionario de las religiones**. Barcelona: Herder, 1987, p. 74.

36 CHALLAYE, Félicien. Pequena história das grandes religiões. Tradução de Alcântara Silveira. São Paulo: Instituição Brasileira de Difusão Cultural, 1962, p. 17,74.

37 LIDÓRIO, Ronaldo. **Introdução à antropologia missionária**. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 118.

mesmo está além dela, mas apenas subsiste na matéria, então, tudo o que existe na natureza é sagrado: plantas, animais, água, rochas, céu, estrelas.

Sobre a moralidade, a cosmovisão animista assegura que não existe bem ou mal, mas que isso é fruto das “nossas avaliações [não os mandamentos de Deus]. Não há bem, não há mal. Estes são dois aspectos de uma realidade”.³⁸ Por fim, Cipriani, valendo-se dos estudos de Boccassino, apresenta os seguintes pressupostos defendidos pela lente animista:

1. Diversos fenômenos biológicos, como o sono, o sonho, o êxtase, as doenças, a morte despertam no primitivo a ideia de um espírito, que pode abandonar o corpo em que habita.
2. O espírito dos mortos aparece no sonho, nas alucinações, nas visões. O culto dos antepassados, portanto, contribuiu para formar o conceito de puro espírito.
3. Em primeiro lugar, esse espírito é atribuído apenas à alma do homem; a seguir estende-se aos animais, às plantas e, finalmente, a todos os seres...
4. Os espíritos podem tomar posse dos corpos que não lhes pertencem [...] já nasceu a ideia de espíritos bons e espíritos maus, e daí é preciso propiciar aqueles que podem prejudicar.
5. O conceito de espírito bom adquire sempre maior extensão.
6. Uma divindade eleva-se pouco a pouco sobre as outras.
7. A existência de povos que alcançaram a noção de um Ser Supremo por si mesmos.

38 ACHARYA, Rajneesh. *Além e mais além (Beyond and Beyond)*. Bombay: Kendra, 1970, p. 13.

8. O animismo explica a origem e o desenvolvimento das diversas manifestações do culto: a prece, o sacrifício, as práticas ascéticas, os ritos fúnebres e de purificação.³⁹

A partir dos pressupostos elencados por Boccassino, e descritos na obra de Cipriani⁴⁰, observa-se que a crença que sustenta a lente animista gira em torno da questão espiritual, o que conduz ao entendimento de que a matéria ou o aspecto físico não é receptora de relevância, mas é renegada ou menosprezada no tocante a esse sistema de crença.

Na cosmovisão *teísta/cristã*, Deus é o centro de todas as coisas e para Ele tudo converge, porque é o Senhor e exerce autoridade, domínio e controle sobre tudo e todos, “por isso não cabe à criatura tentar compreender a complexidade presente na criação, devido a sua capacidade finita de perceber a realidade”.⁴¹

Deus é o criador e exerce soberania e autoridade sobre todas as coisas. Ele é o Deus eterno, o grande “Eu Sou”, aquele que deu vida e existência e por tal razão recebe adoração de toda a sua criação. A partir disso, defende-se que:

A estrutura subjacente de todo o universo espelha a mente do Criador. Não há dicotomia fato/valor na narrativa bíblica. Nada tem identidade autônoma ou independente, separado da vontade do Criador. Em consequência disso, toda a criação deve ser interpretada levando em conta sua relação com Deus. Em qualquer área de estudos, estamos descobrindo leis ou ordenações da criação pelas quais o Criador estruturou o mundo.⁴²

O ser humano é dotado da imagem e semelhança do Criador, o que o torna valoroso diante de Deus. Nesse sentido, “o fato

39 CIPRIANI, Roberto. **Manual de Sociologia da Religião**. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2007, p. 61-62.

40 CIPRIANI, 2007.

41 DOMINGUES, Gleyds Silva. **Diretrizes para a educação cristã bíblica**: por uma nova proposta educacional. Curitiba: Emanuel, 2018b, p. 26.

42 PEARCEY, 2012, p. 76.

de que todos os seres humanos carregam a imagem de Deus [...] explica porque eles são criaturas capazes de raciocinar, amar e ter consciência de Deus; e, também explica porque somos criaturas morais”.⁴³

É por tal motivo que o episódio da queda do ser humano é um ponto de análise e compreensão sobre o poder de decisão que lhe foi dado. A partir dele se reconhece que o “episódio da queda não foi um fator impeditivo para ação providencial de Deus em encontrar um meio para resgatar os vínculos rompidos”.⁴⁴ Esse meio está na pessoa de Cristo Jesus, nele ocorre a reconciliação do ser humano com Deus, e esse conhecimento é apropriado e crido por intermédio das Escrituras.

A Escritura está literalmente centrada em Cristo e Cristo está nela envolvido. Só por meio da Escritura Ele pode ser conhecido. Quando interpretada corretamente, a Escritura conduz a Cristo, que só por intermédio da Escritura pode ser apropriadamente conhecido.⁴⁵

216

Na cosmovisão teísta/cristã a ética tem natureza revelacional, pois foi entregue pelo próprio Deus ao ser humano, no sentido de orientar a maneira de conduzir as suas ações, pensamentos, relacionamentos e práticas. Nessa direção, não há espaços para visões particularizadas, mas está bem definida a fronteira entre o certo e o errado.

A ética cristã numa perspectiva cristã busca desenvolver princípios que consideram a vida e a moralidade a partir da revelação bíblica sobre o sentido de ser e existir do ser humano, acreditando que ele possa cumprir uma missão em prol da transformação e do impacto que se gerará na sociedade.⁴⁶

43 NASH, 2012, p. 55.

44 DOMINGUES, 2018b, p. 27.

45 McGRATH, Alister E. **Paixão pela verdade**: a coerência intelectual do Evangelicalismo. São Paulo: Shedd, 2007, p. 46.

46 DOMINGUES, 2018b, p. 57.

Na cosmovisão teísta/cristã também é possível encontrar a razão da vida atribuída ao ser humano pelo viés do mandato cultural, que pressupõe a missão e a responsabilidade diante da criação, uma vez que:

O mandato cultural é parte do plano original de Deus para o mundo. A salvação não o nega, pelo contrário, cumpre-o. Ser formadores de cultura é intrínseco à natureza humana. Os seres humanos têm o mandato dado por Deus de desenvolver a criação.⁴⁷

Os pressupostos contidos na cosmovisão cristã bíblica defendem princípios da vida e são associados à finalidade da adoração. Isso ocorre porque “os princípios contidos na Bíblia englobam todos os aspectos da vida. Isto inclui as questões divinas entre o homem e Deus, mas também trata de questões sociais e civis”, o que assegura ao livro um caráter relacional no que diz respeito ao criador e à criatura.⁴⁸

Esse é um fator a ser destacado, pois sinaliza a presença de bases sólidas que norteiam o sentido da vida e a existência humana, que é glorificar a Deus sobre tudo e todos. Elas apontam para o caráter de Deus, que é imutável e portador de uma moral absoluta, indicando que:

A partir do fato de que o caráter moral de Deus não muda, chega-se à conclusão de que as obrigações morais derivadas de sua natureza são absolutas. Isso significa que são obrigatórias a todas as pessoas em todos os lugares e precisam ser obedecidos porque Deus os prescreveu, para todas as pessoas, em todos os tempos, em todos os lugares. A revelação geral de Deus contém mandamentos para todas as pessoas e a revelação especial revela a vontade divina para os cristãos, entretanto, nos dois casos, a base da

47 WALSH, Brian; MIDDLETON, J. Richard. **A visão transformadora**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 53.

48 McDOWELL, Stephen; BELILES, Mark. **Libertando as nações**: princípios bíblicos de governo, educação, economia e política. Belo Horizonte: Associação Conferência Profética, 1995, p. 13.

responsabilidade ética humana é a revelação divina.⁴⁹

A cosmovisão teísta/cristã oferece pressupostos que fundamentam a conduta do ser humano em relação a Deus, a si mesmo, ao próximo e à criação. Ela evidencia a maneira como cada um deve orientar a sua vida, os seus posicionamentos e a sua decisão.

Horrel elaborou um quadro-síntese das relações entre perguntas e respostas efetivadas pelas cosmovisões, que pode ser utilizado neste estudo.⁵⁰ Nele é possível verificar os diferentes posicionamentos existentes nos três grandes sistemas atuais de crenças, e o modo como cada um deles enfrenta as questões básicas da vida.

Quadro 2. Posicionamentos sobre as perguntas existenciais

10 perguntas principais da vida	ATEÍSMO (secularismo): Deus não existe	PANTEÍSMO (animismo): Deus é infinito e impessoal	TEÍSMO (cristã): Deus é infinito e pessoal
1. Por que algo existe em vez do nada?	Algo sempre existiu. O universo é produto do tempo, espaço, energia e acaso	Tudo o que existe é Deus. A unidade absoluta que é Deus se particularizou no universo.	Um Deus pessoal criou tudo que existe do nada; sua existência é distinta da sua criação finita.
2. Por que o homem existe?	O homem é apenas o fruto do acaso num universo fechado.	O homem é particularização divina, como todo o mundo finito.	O homem é a criação especial, distinto de toda criação não pessoal.

49 GEISLER, 2002, p. 16-17.

50 Adaptado de HORRELL, J. Scoot. Uma cosmovisão trinitariana. *Vox scripturae*. Faculdade Luterana do Paraná, 2014, pp. 73-74. Disponível em: <http://vox.flu.edu.br/download/38/261/uma-cosmovisao-trinitariana>. Acesso em: 23 ago. 2021.

<p>3. Qual é a base da dignidade humana?</p>	<p>Ontologicamente, nada; o mais elevado da evolução</p>	<p>Nada, a distinção e singularidade do homem afastam-se de Deus</p>	<p>Feito à imagem de Deus, o homem existe para relacionamento pessoal com o criador.</p>
<p>4. Qual é a base da personalidade, o fato de que o homem pensa, escolhe e tem emoções?</p>	<p>Ontologicamente, nada; relativamente: a) formação genética; b) condicionamento social.</p>	<p>A personalidade é ilusão; o homem deve renunciar sua personalidade.</p>	<p>O fato de que o próprio Deus é pessoal; Ele pensa, escolhe e sente emoções.</p>
<p>5. Qual é a base da racionalidade e lógica?</p>	<p>Ontologicamente, nada, no fim, existe. Relativamente: a) linguagem; b) formação genética</p>	<p>A racionalidade é apenas ilusão. A realidade final (Deus) é a-racional.</p>	<p>Enquanto a racionalidade divina transcende a humana, Deus por sua própria natureza é racional.</p>
<p>6. Qual é a base dos sentimentos morais, isto é, a consciência?</p>	<p>O condicionamento social</p>	<p>No sentido final, a consciência moral é ilusão.</p>	<p>Embora caída e condicionada, a consciência moral reflete a imagem de Deus.</p>
<p>7. Qual o fundamento da ética, moral e valores?</p>	<p>Relativismo; a) social (humanismo, democracia ou o Estado); b) individual.</p>	<p>Ontologicamente, nada. Relativamente as leis do carma.</p>	<p>O caráter moral de Deus revelado na Bíblia.</p>
<p>8. Por que existe o mal no universo?</p>	<p>a) O mal físico é parte normal; b) O mal moral é relativo à percepção social ou individual.</p>	<p>Como tudo é Deus, não existe o mal; as leis do carma são finalmente arbitrarias.</p>	<p>a) O mal moral vem do livre-arbítrio de seres finitos (Lúcifer, Adão); b) O mal físico é consequência e Juízo de Deus.</p>

<p>9. Qual é a base da alegria, prazer e estética do homem?</p>	<p>A formação genética e o condicionamento social.</p>	<p>a) A iluminação e unidade de Deus; b) O prazer individual é contra Deus/ unidade</p>	<p>Como imagem de Deus, o homem possui senso inato de estética, alegria e prazer; etc.</p>
<p>10. Qual é o lugar do indivíduo no universo? (o problema da unidade e diversidade no universo)</p>	<p>a) tudo é unidade; o homem não tem lugar; determinismo. b) Tudo é diversidade, acaso, absurdo; o homem não tem significado.</p>	<p>Só pode haver unidade final; toda a diversidade – incluindo o homem – é ilusão.</p>	<p>Deus como trindade incorpora unidade e diversidade; assim, o indivíduo tem seu lugar na unidade do universo.</p>

O Quadro 2, apresentado anteriormente, permite contemplar dez indagações que demandam ser respondidas pelos sistemas de crença. Essas respostas dão origem aos pressupostos eleitos a serem utilizados por pessoas e grupos sociais como base cosmovisional. A partir dela é possível pensar em como propor um currículo formativo para ser efetivado no contexto dos Seminários Teológicos, e que visa o aprofundamento das temáticas evidenciadas por Horrel.

As questões evidenciadas propõem a necessidade de estudo sobre três eventos contidos na verdade revelada: *criação, queda e redenção*, além de possibilitar a reflexão sobre temas como *ética, moral e formação e construção do pensamento humano*. Isso indica que não apenas a necessidade de conhecer as bases, mas de provê-las de significado por meio do processo de argumentação requer a presença da aplicação lógica.

A argumentação permite a análise no campo das possibilidades, ao mesmo tempo em que possibilita a cada um, a partir da análise efetivada, fazer a sua escolha e tomada de decisão. O fato revela que no campo da cosmovisão, o processo de aderência a um conjunto de pressupostos pode ser efetivado de maneira individual e também coletiva, a depender da influência exercida por cada grupo social em relação ao sistema de crenças adotado.

Cabe agora, compreender como o currículo a ser projetado poderá ajudar no processo formativo sobre as bases cosmovisionais de maneira sólida, fundamentada, argumentativa e explicativa. Compreende-se que o currículo não é um instrumento fechado, mas, sim, permite adequações e flexibilizações diante da realidade em que será materializado.

3. O ESTUDO DE COSMOVISÕES NO CURRÍCULO DOS SEMINÁRIOS

O currículo é o documento que expressa a identidade do ser humano, sujeito do processo formativo, ou seja, as vertentes que o indivíduo irá defender ao longo de sua existência. Daí a importância de conhecer a aplicabilidade curricular na organização e sistematização do conhecimento a ser desenvolvido. Afinal, o currículo não se limita à questão de distribuição de disciplinas em uma matriz, mas à própria finalidade de ser do trabalho formativo.

Ao analisar a etimologia da palavra *currículo* observa-se que houve uma mudança em seu significado. Costa apresenta a sua origem referindo-se à “corrida de carros”, “lugar onde se corre”, “hipódromo”, sendo derivada do verbo “*currere*” – “correr”. O fim para qualquer competidor ou torcedor é a finalização com êxito, entretanto, o processo para chegar à conclusão não se limita ao resultado, sendo a caminhada efetivada pelas aprendizagens.⁵¹

De forma semelhante, o currículo não é um objeto final e, sim, o início para determinar o lugar onde se quer chegar. A palavra *currículo* denota a compreensão de que ele não é o fim em si mesmo, mas apenas um meio para atingir determinado fim. Afinal, ele comporta a “ideia de organização, prévia ou não, de experiências, situações de aprendizagem realizada por docentes, redes de ensino de forma a levar a cabo um processo educativo”.⁵²

O currículo também pode ser considerado uma diretriz que aponta para um futuro esperado a pequeno, médio e longo prazos. É o caminho, o percurso por onde o estudante caminha até chegar ao lugar proposto pelas instituições de ensino, o que

51 COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **Introdução à cosmovisão reformada: um desafio a se viver responsabilmente a fé professada**. Goiânia: Cruz, 2017.

52 LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. **Teorias do currículo**. São Paulo: Cortez, 2011, p. 19.

remete compreender que existe um processo de sistematização envolvido em sua construção e elaboração. Sobre isso manifesta-se McKernan:

O currículo é o mecanismo que permite a educação dos alunos. A educação é um processo englobando princípios e valores-chave, é no dar-se conta desses valores inculcados que somos educados: não por meio da obtenção de resultados triviais vistos como produtos.⁵³

É por essa razão que o projeto educativo desenhado envolve não apenas conteúdos de ensino, mas toda gama de significados, valores e princípios a serem compartilhados no ato educativo. Isso revela que as instituições educacionais (escolas, universidades, seminários, faculdades, cursos livres) expressam a sua filosofia de trabalho por intermédio de seus instrumentos formativos, sendo um deles o Projeto Pedagógico do curso, que tem como missão desenvolver o currículo direcionado à formação pretendida.

A finalidade da Educação precisa estar direcionada à formação humana a partir dos olhares sobre a realidade social. Se os protagonistas da Educação (ora mestres, ora estudantes) comungam a sua visão de mundo a partir de sua câmera, de sua ótica, não há nelas neutralidade. Cada um (protagonista ou espectador) apresentará a leitura própria do mundo, ou seja, cada um detém uma cosmovisão e a compartilhará. Essa ideia é defendida por Domingues ao afirmar que:

Uma das dimensões alcançadas pela cosmovisão é a educação, cuja centralidade de sua ação é a formação humana e essa se projeta a partir de olhares sobre a realidade social. Isso indica que a finalidade educativa da formação humana não é neutra, antes é intencional e por isso se torna evidente no documento conhecido como currículo escolar.⁵⁴

53 McKERNAN, James. **Currículo & imaginação**: teoria do processo, pedagogia e pesquisa. Porto Alegre: Artmed, 2009, p. 45.

54 DOMINGUES, Gleyds Silva. **Os sentidos da formação humana presentes nas cosmovisões cristã e secularista e a proposta do ato educativo**. Congresso Internacional da Faculdades EST. Anais. São Leopoldo: EST, 2014, vol. 2, p. 674.

O currículo, portanto, traduz em um documento sistematizado a intenção educativa a ser alcançada. O documento revela as intenções do Estado e/ou administradores de instituições particulares em seus programas, imprimindo uma visão de mundo, muitas vezes, diferentemente da realidade vivida. Daí a necessidade de se apropriar desse documento a fim de entender o tipo de ser humano que a escola/ instituição educativa deseja formar para atuação futura.

O currículo expressa uma intenção educativa, alinhada aos ideais da política educacional desenhada. Por essa razão não se pode dizer que o currículo seja um instrumento neutro, pois a dinâmica que o envolve requer que se atente tanto para o momento da produção como da implementação.⁵⁵ Nesse sentido, um currículo é feito para ser acompanhado, analisado e revisitado.

Ademais, é preciso reconhecer que as intenções e os propósitos formativos se apresentam na execução curricular, revelando a sua intencionalidade. Nesse momento, fica evidente que uma visão de mundo está sendo imposta e validada. Por isso, não se pode aceitar a ideia do currículo neutro. Costa corrobora a ideia, dizendo:

[...] é necessário que entendamos que não existe currículo neutro. Ele sempre estará ligado à determinada compreensão de mundo, a uma filosofia educacional que tem a sua própria cosmovisão que determinará a sua prática. A concepção da “neutralidade” curricular significa uma percepção pouco ou nada “neutra” da realidade.⁵⁶

Se não há neutralidade nos currículos educacionais é sábio refletir sobre as cosmovisões que estão intrínsecas nos currículos das instituições, em especial as confessionais, como é o caso dos Seminários Teológicos, a fim de avaliar: quais são as verdades estabelecidas e que serão evidenciadas nos discursos dos mestres da instituição X ou Y? Tais visões revelam um ali-

55 LOPES; MACEDO, 2011.

56 COSTA, 2017, p. 324.

nhamento com a verdade da Palavra de Deus? Ou distorcem os princípios bíblicos? Uma análise do documento revela o tipo de ser humano que se deseja formar.

A finalidade educativa desenhada na proposta curricular compreende três níveis de excelência que, segundo Rinaldi Júnior, podem ser explicitadas no *saber*, *fazer* e *ser*. Esses níveis irão nortear o sentido atribuído ao processo formativo que, para a cosmovisão cristã, “implica investir na formação de homens e mulheres”, cuja finalidade é amar a Deus com todo o seu ser.⁵⁷

A partir da proposta curricular desenhada é possível contemplar aspectos peculiares da formação pretendida, visto que ela revelará a maneira como o processo ensino e aprendizagem será efetivado, apontando as prioridades e os requisitos indispensáveis ao desenvolvimento do ser humano.

É preciso destacar, ainda, que o currículo como um documento intencional expressa uma visão de mundo, sociedade, conhecimento, ser humano e valores. Por isso, ele é carregado de significações que podem ser verificadas no trabalho educativo e relacional desenvolvido no contexto das salas de aula.

Dessarte, pode-se dizer que a cosmovisão que os alunos respiram nas salas de aula está presente no currículo escolar. Tal visão de mundo é transmitida e desenvolvida por intermédio da prática educativa e do processo ensino e aprendizagem, concebida mediante a câmera vista pela sociedade. Sacristan defende bem essa visão ao afirmar:

A importância fundamental do currículo para escolaridade reside no fato de que ele é a expressão do projeto educacional que as instituições dizem que irão desenvolver com os alunos (e para eles) aquilo que consideram adequados. Por meio desse projeto institucional, são expressas forças, interesses, ou valores e preferências

57 RINALDI JR., Roberto. Visão panorâmica da Educação Cristã. In: RINALDI, Ana Beatriz et al. **Abordagem educacional por princípios: um primeiro olhar**. São Paulo: AEECP, 2018, p. 18-19.

da sociedade, de determinados setores sociais, das famílias, dos grupos políticos.⁵⁸

A partir da visão de Sacristán, o currículo é o motor da prática educativa e nele estão contidos os pressupostos a serem desenvolvidos no contexto formativo. Por esse motivo, o autor inclui as questões associadas às forças, aos interesses, aos valores e às preferências como pontos de tensionamento entre os diferentes grupos alcançados pelo projeto educativo desenhado.

Entende-se que o currículo abarca a proposta formativa a ser aplicada no contexto do ensino e da aprendizagem, principalmente porque a partir dela é possível visualizar o seu ponto de partida e chegada, assim como as construções a serem efetivadas ao longo da trajetória formativa.

É por esse motivo que o currículo não é pensado como um documento contendo disciplinas a serem cursadas, mas, sim, como o próprio processo educativo. Carvalho assinala possuir “um caráter mais dinâmico e que não acontece de forma linear, como a somatória de conteúdos acrescidos aos anteriormente estabelecidos”.⁵⁹

Domingues também percebe o currículo como eixo do projeto educacional na medida em que ele dinamiza as intenções projetadas em relação à formação humana. A autora ressalta que:

Pode-se dizer que o currículo é o coração pulsante do projeto educacional e, portanto, sua presença nas instituições educativas tem um objetivo fundamental, principalmente, quando estas instituições se posicionam quanto aos “óculos” que serão utilizados no ato educativo. Assim, faz-se necessário explicitar sobre as bases de dois sistemas de crenças – pós-moderno e cristão –, que se fazem presentes na realidade educativa, apontando seus propósitos para a formação humana.⁶⁰

58 SACRISTÁN, José Gimeno. **O que significa o currículo?** In: SACRISTÁN, José Gimeno (Org.). Saberes e incertezas sobre o currículo. Porto Alegre: Penso, 2013, p. 23-24.

59 CARVALHO, Fátima Franco Oliveira; CHING, Hong Yuh (Orgs.). **Práticas de ensino-aprendizagem no ensino superior:** experiências em sala de aula. Rio de Janeiro: Alta Books, 2016, p. 57.

60 DOMINGUES, 2014, p. 27.

Em seus estudos, a autora afirma ser possível observar a presença de duas cosmovisões no processo de construção curricular, a saber: a *cristã* e a *secularista*. Assim, o projeto educativo fundamentado nesses caminhos se apoiará no rumo a ser seguido, o que indica uma formação pautada nas escrituras sagradas ou não.

A cosmovisão secularista é identificada por meio de vários nomes ao longo da História. Ela está presente desde o Éden, quando o ser humano trocou a ordem de Deus pela ordem do ego, movido por uma cobiça interna que não agrada ao Senhor em palavras, ações e pensamentos. Essa cosmovisão engana os seus usuários e rejeita a necessidade de obter perdão dos pecados. Para ela, suas ações não são consideradas pecados, mas, sim, diversão, entretenimento, relaxamento, com o único objetivo de ser feliz. Goheen e Bartholomew apresentam as cosmovisões que competem entre si:

Teísmo cristão, deísmo (que é o que sobra do teísmo quando o conceito de um Deus pessoal é abandonado), naturalismo (que abandona totalmente a deus, mas mantém sua confiança na autonomia humana, niilismo (que é o que resulta do naturalismo quando a confiança na razão humana é corroída, existencialismo (que tenta superar o niilismo, afirmando sua confiança no poder do indivíduo de concretizar, pela sua vontade, sua própria concepção de bem, da verdade e do belo), monismo panteísta oriental (em que o pensamento da nova era é combinado com a noção existencialista do ser), pós-modernismo (que nega que podemos conhecer a realidade tal como ela é, mas afirma que podemos nos arranjar razoavelmente bem, sobretudo mediante nosso uso da linguagem; para o pós-modernista ‘o conhecimento pragmático é tudo o que alguém pode ter e tudo o que alguém precisa’.⁶¹

O choque entre a cosmovisão cristã (teísmo cristão) e a cosmovisão secularista (deísmo, naturalismo, niilismo, monismo

61 GOHEEN; BARTHOLOMEW, 2016, p. 45.

panteísta oriental, pós-modernismo) tem gerado grandes prejuízos à humanidade. Cada pessoa sem Cristo que parte deste mundo resulta em trágica consequência.

A cosmovisão cristã possui a Bíblia como livro-guia, e reconhece a sua autoria divina. As ações dos cristãos que honram a Palavra de Deus desvendam a sincera fé interna, que pauta as palavras e as ações dos servos e servas. Assim, externamente, os cristãos apresentam a sua cosmovisão no cotidiano, honrando ao Eterno com suas atitudes.

As universidades, os seminários e as faculdades cristãs não ficam atrás no quesito *cosmovisão*. Ao se questionar a respeito da visão de mundo com a qual os currículos dos seminários estão alinhados, entende-se que eles utilizam currículo pedagógico semelhante ao das demais instituições. Esse currículo não visa apenas preparar os santos, mas desenvolver competências relacionadas aos âmbitos da vida. Por isso é preciso considerar: como se dá essa preparação? Qual vertente é mais explorada? Quais são os aspectos e incentivos para os futuros formandos? Enfim, são diversos os pontos que se destacam neste tema.

Por conta disso, a proposta é apresentar o sentido a ser atribuído à cosmovisão e ao evangelismo no processo formacional a ser desenvolvido a partir das quatro leis espirituais, e que pode ser retratado no Quadro 3, a seguir:

Quadro 3. As quatro leis espirituais

As quatro Leis	Versículos-chave	Frases utilizadas para realizar a ponte
1. Deus ama você e tem um plano maravilhoso para sua vida.	João 3.16 João 10.10	Por que a maioria das pessoas não está experimentando essa vida abundante?
2. O homem é pecador e está separado de Deus, por isso não pode conhecer nem experimentar o amor e o plano de Deus para sua vida.	Romanos 3.23 Romanos 6.23	A terceira lei mostra a única resposta para o problema dessa separação.

3. Jesus é a única solução de Deus para o homem pecador. Por meio dele você pode conhecer e experimentar o amor e o plano de Deus para sua vida.	Romanos 5.8 1Coríntios 15.3-6 João 14.6	Mas, não é suficiente conhecer essas três leis.
4. Precisamos receber a Jesus Cristo como Salvador e Senhor, por meio de um convite pessoal. Só então poderemos conhecer e experimentar o amor e o plano de Deus para nossa vida.	João 1.12 Efésios 2.8-9 Apocalipse 3.20	Você pode receber a Cristo agora mesmo em oração. Você tem esse desejo no coração? Se for assim, faça a oração agora mesmo e Cristo entrará em sua vida, como prometeu.

Fonte: adaptado de Berneburg.⁶²

As quatro leis espirituais oportunizam ao crente direcionar o diálogo rumo a uma clara abordagem evangelística. O método utiliza quatro pontos objetivos que, baseados bíblicamente, apresentam o Evangelho numa linguagem clara e simples. São disponibilizados versículos-chave (como exemplos) que ajudam a esclarecer o tópico em destaque, oferecendo sugestão de aprimoramento da abordagem iniciada.

No ponto inicial, o ouvinte recebe o acolhimento vindo da parte de Deus, e apesar de todos os problemas pessoais e globais que está enfrentando, é informado que o Senhor deseja relacionar-se intimamente com ele, abrindo-se, assim uma porta para o contato do divino com o homem pecador.

No segundo ponto, a verdade da condição humana é revelada, a noção de pecado é apresentada e o homem reconhece o seu verdadeiro estado espiritual e sua condição diante de Deus. Nas palavras de Washer, o real estado pecaminoso precisa ser esclarecido.⁶³

62 BERNEBURG, Erhard. *Das Verhältnis von Verkündigung und sozialer Aktion in der evangelikalen Missionstheorie: unter besonderer berücksichtigung der lausanner bewegung für welt-evangelisation* (1974-1989). Wuppertal: Borckhaus, 1997.

63 WASHER, Paul. *O verdadeiro Evangelho*. São José dos Campos: Fiel, 2012.

A primeira verdade a ser abraçada é que todos os homens nascem em pecado e são a ele entregues – eis o motivo de todos os homens nascerem odiando a Deus. Alguém pode retrucar afirmando que nunca odiou a Deus, mas não percebe que se assim fosse, a Bíblia estaria mentindo. Todo o homem, absolutamente, odiou a Deus em seu estado não convertido porque a Escritura declara que “outrora, éreis... inimigos” (Cl 1:21) e que “éramos por natureza, filhos da ira” (Ef 2:3). Outro pode alegar que ama a Deus desde pequeno, no entanto, o que amava era uma imagem de Deus criada por sua própria mente, de tal modo que se alguém lhe apontasse o Deus da Palavra, rapidamente ficaria irado, dizendo: “Eu nunca poderia amar um Deus desse!” [...] ⁶⁴

A verdade que o Evangelho carrega e o confronto com a realidade egoísta humana leva o pecador a rejeitar o Mestre pois, naturalmente, o homem está separado da presença de Deus e não quer essa luz brilhando em sua vida.

230

Na sequência, o Senhor Jesus é apresentado como a solução para melhorar o relacionamento entre este homem e Deus, cuja saída é arquitetada pelo Senhor e presenteada ao homem, numa tentativa de lhe oportunizar a remissão de seus pecados e, conseqüentemente, o seu retorno a Deus. Nesse momento da conversa, o homem é sensibilizado de que as suas práticas e ações “positivas” não o levam ao Senhor, mas, sim, o uso da fé plena no Senhor Jesus, que é a única solução para os seus pecados.

E, finalmente, para obter a posse dessa solução é necessário que ele aceite a Jesus. Em resposta à sua fé, o desejo de receber a Cristo como Salvador e Senhor virá e, assim, nasce a resposta ao apelo. Com uma oração, esse acesso é aberto ao Rei Supremo e o pecador passa a ter o seu nome escrito no Livro da Vida – sua condição passa a ser de “filho de Deus”.

⁶⁴ WASHER, 2012, p. 13.

4. COSMOVISÃO, EVANGELISMO E COMUNICAÇÃO DA MENSAGEM

Ao abordar a relação entre cosmovisão e evangelismo é possível dizer que a mensagem do Evangelho não se restringe a uma parcela da humanidade, mas é destinada a todos os grupos sociais. Berneburg entende que a comunicação

[...] é sempre a proclamação do Reino de Cristo. Esse reino é primariamente uma realidade espiritual, que salva o ser humano da perdição espiritual. Mas, essa realidade alcança todas as dimensões da vida, não apenas a conduta de vida individual, mas também ordena de forma nova as relações sociais sob o reinado de Cristo.⁶⁵

É por tal razão que a comunicação do Evangelho pode chegar às diferentes culturas e suas cosmovisões, como indianos, moçambicanos, japoneses, paulistas, mexicanos, israelenses, árabes, sobralenses, dentre outros. Martin corrobora este pensamento ao afirmar que:

Como aqueles que abraçaram o Evangelho, somos membros de uma comunidade que crê que a Bíblia é a verdadeira narrativa do mundo. Mas, como membros que vivem e participam na comunidade cultural, também fazemos parte da outra narrativa que há muito tempo vem moldando a cultura Ocidental. Não podemos simplesmente optar por nos isolar da cultura ao redor: nossa vida está entretecida em suas instituições, costumes, línguas, relacionamentos e padrões sociais. Nossa corporificação do reino de Deus precisa assumir forma cultural em nosso tempo e lugar específicos. Assim, nós nos encontramos em ponto de intersecção, em que vivemos como parte de duas comunidades, em

65 BERNEBURG, Erhard. **Das Verhältnis von Verkündigung und sozialer Aktion in der evangelikalen Missionstheorie...** *Op. cit.*, 1997, p. 360. “[...] *Evangelisation ist immer Proklamation der Herrschaft Christi. Diese Herrschaft ist zunächst zwar eine geistliche Wirklichkeit, die das Leben eines Menschen aus der geistlichen Verlorenheit errettet. Diese Wirklichkeit beansprucht aber alle Lebensbereiche, nicht nur die persönliche Lebensführung, sondern auch die sozialen Beziehungen unter der Herrschaft Christi neu zu ordnen.*” (tradução livre).

duas narrativas em grande parte incompatíveis uma com a outra, mas ambas reivindicando ser verdadeiras – e reivindicando a nossa vida por inteiro.⁶⁶

O campo de atuação da mensagem é o mundo todo. A mensagem do Evangelho quando compreendida traz novidade de vida, ou seja, ela transforma a mente e o coração, assim como a cosmovisão defendida. Existe, portanto, uma mudança em relação à maneira como se faz a leitura da realidade, ou seja, dos pressupostos que sustentam o sistema de crença.

É preciso, todavia, compreender o sentido atribuído à comunicação do Evangelho, porque ela é a maneira de possibilitar o acesso ao conteúdo principal da cosmovisão cristã no ato de fazer discípulos.

Quando lemos o restante do Novo Testamento, vemos o povo de Deus trabalhando junto em obediência à ordem de Jesus. Eles buscavam as pessoas ao redor, chamando-as a seguir e obedecer a Deus. [...] Fazer discípulos precisa ser a missão da nossa vida.⁶⁷

A prática do evangelismo é desenvolvida com base no plano salvífico de Deus em Cristo Jesus para a humanidade. Segundo Dever:

As boas-novas são que o Deus único, que é santo, nos fez à sua imagem para que o conheçamos. No entanto, nós pecamos e nos separamos dele. Em seu grande amor, Deus se tornou homem em Jesus, viveu de modo perfeito e morreu na cruz, cumprindo ele mesmo a lei e tomando sobre si mesmo a punição pelos pecados de todos aqueles que se converteriam e criam nele. Ele ressuscitou dos mortos, mostrando que Deus aceitou o sacrifício de Cristo e que a ira de Deus contra nós foi satisfeita. Ele agora nos chama a arrepender-nos de nossos pecados e crer somente em Cristo, a

66 MARTIN, Walter. **O império das seitas**. Belo Horizonte: Betânia, 1992, vol. II, p. 31.

67 CHAN, Francis. **Multiplique**: discípulos que fazem discípulos. São Paulo: Mundo Cristão, 2015, p. 26.

fim de obtermos perdão. Se nos arrependermos de nossos pecados e confiarmos somente em Cristo, somos nascidos de novo para uma nova vida, uma vida eterna com Deus.⁶⁸

Ao conhecer o desejo de Deus de que o pecador tenha acesso ao conhecimento da sua condição espiritual e da possibilidade de ser salvo, espera-se que os crentes considerem tais fatos e pratiquem essa comunicação. Considerada uma ação que reverbera na transformação do caráter humano, essa comunicação se dá de forma completa e satisfatória se forem levados em conta os aspectos cosmovisionais dos ouvintes. Daí a necessidade de se aprofundar nos estudos das cosmovisões para melhor desempenho da responsabilidade/missão de compartilhar as boas novas da salvação.

É por intermédio de vários suportes teórico-metodológicos que se acredita haver o preparo e a formação para o exercício do Ministério, visto que a sua aplicabilidade envolve o aprendizado e maior apropriação de conceitos. Afinal, o sentido de fazer discípulos requer tempo de investimento na vida da pessoa, e isso ocorre por intermédio do discipulado. Assim:

O discipulado é comprometimento com Cristo; por Cristo existir, tem que haver discipulado. Uma concepção de Cristo, um sistema doutrinário, um conhecimento religioso geral da graça ou do perdão não implicam necessariamente o discipulado; na realidade, excluem-no, são hostis a ele. Com a ideia pode-se ter uma relação de conhecimento, de admiração, talvez até mesmo de realização, mas nunca a relação de discipulado pessoal e obediente. Cristianismo sem Jesus vivo permanece necessariamente um cristianismo sem discipulado; e cristianismo sem discipulado é sempre cristianismo sem Jesus Cristo, é uma ideia, um mito.⁶⁹

68 DEVER, Mark. **O Evangelho e a evangelização**. São José dos Campos: Fiel, 2011, p. 55.

69 BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. Tradução de Ilson Kayser. 8.ed. São Leopoldo: Sinodal, 2004, p. 21-22.

Entre os suportes destinados à formação é possível alistar o espaço do Seminário Teológico enquanto instituição que investe no preparo de cristãos oriundos de diversas igrejas locais, cujo objetivo visa ao aprimoramento na fé cristã por meio do estudo das Escrituras.

A relação entre Seminário Teológico e Igrejas é relacional e proximal, por isso não se pode deixá-la à margem do processo, antes é preciso compreender como essa relação pode favorecer o estudo das cosmovisões e aplicações na prática do Evangelismo e das Missões.

5. POSSÍVEIS RELAÇÕES ENTRE COSMOVISÃO, MISSÕES, EVANGELISMO E IGREJA

É notório o reconhecimento de que o ser humano está imerso em uma sociedade diversa, o que inclui não só os líderes eclesiásticos, mas os cristãos que têm a possibilidade de exercer ministérios particulares (no relacionamento com vizinho da direita e esquerda, com o chefe do departamento, com o vendedor de frutas). É nesses momentos que nascem as chances de apresentar o Evangelho.

Sabe-se, também, que a missão da Igreja envolve compartilhar a boa nova do Evangelho. Essa missão pode ser identificada na passagem bíblica denominada *A Grande Comissão*. Nela, o Senhor Jesus lembra os apóstolos da urgência em anunciar a Sua Palavra e, assim, comissiona a Igreja a executar o Seu plano. Sobre tal missão, Goheen e Bartholomew reiteram que:

A Igreja é a comunidade que responde com fé e arrependimento às boas novas do reino. Ela se apossa da história da Bíblia e procura moldar sua vida com base nessa narrativa. Mas essa também é uma comunidade que é encarregada de fazer com que essas boas-novas se tornem conhecidas por todas as pessoas. Esse evange-

lho define a missão e o chamado da igreja no mundo [...]. Assim, a missão do povo de Deus designa nossa participação ativa como povo de Deus, a convite de Deus, segundo o mandamento de Deus, na missão do próprio Deus, realizada na história do mundo de Deus, para a redenção da criação de Deus. Nossa identidade como povo de Deus procede desse papel missional na narrativa bíblica.⁷⁰

A partir da afirmação de Goheen e Bartholomew⁷¹ é possível fazer algumas considerações. A *primeira* é que a Igreja é uma comunidade de fé, o que indica relacionamentos fundamentados em uma visão de mundo; *segundo*, que ela tem uma missão que lhe foi designada, que é compartilhar a sua visão de mundo que se firma em anunciar a boa nova do Evangelho; *terceiro*, que a missão requer compromisso com o Evangelho a ser anunciado; *quarto*, é preciso viver o Evangelho para que ele se torne conhecido; e *quinto*, é preciso assumir uma postura ativa e participativa em relação à missão designada.

Diferente é a postura assumida em relação à Igreja, de que a sua missão está limitada à transmissão do conteúdo salvacional. Por ter responsabilidade no espaço da cultura, pode-se afirmar que a sua tarefa se torna implicadora da mentalidade que norteia a realidade social.

A única tarefa da Igreja, segundo muitos acreditam, é salvar quantas almas for possível de um mundo destinado ao inferno. Mas essa negação implícita da cosmovisão cristã não é bíblica e tornou-se o motivo pelo qual temos perdido tanta influência no mundo. A salvação não consiste apenas na libertação do pecado; a salvação também significa ser restaurado para a tarefa que recebemos no início – o trabalho de criar cultura.⁷²

70 GOHEEN; BARTHOLOMEW, 2016, p. 28.

71 GOHEEN; BARTHOLOMEW, 2016.

72 COLSON, Charles; PEARCEY, Nancy. **E agora, como viveremos?** Rio de Janeiro: CPAD, 2000, p. 352.

Isso mostra que o Evangelho compartilhado faz parte da vivência, do testemunho, dos relacionamentos e da ação da Igreja como espaço de identidade e prática da fé assumidas. Busenitz ajuda a entender com clareza a missão da Igreja ao afirmar que:

[...] com ajuda de Deus, somos responsáveis por levar o Evangelho para além de nossa família, nossa vizinhança e nossa cidade. Isto requer sacrifício e disposição de nos colocarmos em situações onde podemos nos encontrar com incrédulos, mesmo que seu contexto cultural seja estranho a nós. Deus quer que o Evangelho alcance pessoas de todas as nações. Ser discípulo de Cristo é estar ativamente envolvido em missões, tanto do outro lado da rua como ao redor do mundo.⁷³

Para Busenitz, a missão da Igreja é considerada em proporção ao ser e fazer discipular, o que indica envolvimento e comprometimento com a mensagem do Evangelho. Dito de outra maneira, o Evangelismo e as Missões deveriam ser a motivação que marca a vida de qualquer servo de Cristo.

Nesse sentido, o discípulo precisa demonstrar a sua cosmovisão em ações, como afirmação da sua fé e obediência ao ide de Jesus. Por tal motivo é que se defende que a visão missionária dos líderes necessita se expandir, como lembra Smith⁷⁴, a fim de alcançar outras realidades. Para que tal trabalho seja realizado, entretanto, é necessário conhecer a maneira como os grupos sociais tecem a sua leitura da realidade.

É por esta razão que Smith⁷⁵ apresenta algumas razões de pouca ou nenhuma ênfase para o Evangelismo e as Missões nas Igrejas. A primeira razão é a falta de conhecimento sobre outros espaços e lugares que não são de sua convivência. Isso requer estudo e aprofundamento sobre conceitos de etnia, cultura, pluralidade, diversidade e cosmovisão.

73 BUSENITZ, Nathan. *Homens da Palavra*. Eusébio: Peregrino, 2018, p. 201.

74 SMITH, Oswald. *O clamor do mundo*. 2.ed. São Paulo: Vida, 2009.

75 SMITH, 2009.

De maneira alegórica é possível fazer um paralelo entre a prática do Evangelismo e a de um pescador. Afinal, o bom pescador faz uma excelente pesca porque conhece os elementos que compõem a pescaria. Os conhecimentos adquiridos pela experiência direcionam ao melhor açude, à escolha do horário em que os peixes sentem mais fome, e à seleção da isca que atrai o maior número de peixes. As estratégias foram obtidas a partir da análise de diversas experiências com as pescas realizadas. Sua perseverança o faz triunfar nesta área, não deixando que esmoreça diante das dificuldades encontradas no processo.

De maneira similar, a Igreja precisa ter a motivação do bom pescador para pensar nas estratégias e métodos a serem aplicados na área do Evangelismo. Ela precisa considerar “os perdidos” da mesma forma como os pescadores encaram os seus peixes, a fim de que possa trabalhar em prol da comunicação do Evangelho. A Igreja, contudo, parece não estar atenta para tal possibilidade, como alerta Stetzer, valendo-se do comentário de Barna, que analisa o cenário de algumas Igrejas:

237

As atitudes dentro da igreja são praticamente idênticas às que se observam fora dela. A taxa de divórcios é a mesma dentro da igreja, às vezes até maior, do que entre o contingente dos incredulos fora de nossos muros sempre em expansão. Constatou-se que crenças e valores eram semelhantes entre os que frequentavam e os que ainda não frequentavam a igreja. Alguns observadores religiosos diriam que, em nosso desejo de atrair as pessoas para nossos bancos e cadeiras recém-estofados, alguma coisa deu errado.⁷⁶

O lamentável cenário apresentado por Barna sinaliza o distanciamento da Igreja da verdade do Evangelho, o que tem provocado divisões e acomodação, ao mesmo tempo a descrença por parte de alguns cristãos sobre a instituição Igreja, inaugurando um movimento denominado “sem religião”.

76 STETZER, Ed. **Plantando igrejas missionais**: como plantar igrejas bíblicas, saudáveis e relevantes à cultura. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 34.

Infelizmente, a inércia de algumas Igrejas em efetivar a missão que lhes foi confiada impacta negativamente na expansão do Reino de Cristo. A sua passividade produz poucos resultados, sendo uma barreira à prática do Evangelismo e das Missões. A Igreja, nesse contexto, precisa reconhecer o seu papel, assumindo e cumprindo a sua missão, que é ser testemunho para as nações.⁷⁷

O site *Luz em Ação* tece a seguinte análise sobre a possibilidade de aplicação de recursos pela Igreja em prol da *Grande Comissão*:

A Igreja dispõe de mais de 3.000 vezes os recursos humanos necessários e 9.000 vezes os recursos financeiros necessários para cumprir a Grande Comissão. Evangélicos poderiam providenciar todos os recursos necessários para plantar uma igreja em todos os povos não alcançados com apenas 0,03% da sua renda.⁷⁸

238

Apesar do expressivo potencial de investimentos da Igreja brasileira, seu foco em missões ainda é pequeno. O mesmo site também menciona uma triste realidade ao dizer que o evangélico brasileiro, de classe média, investe cerca de R\$ 0,30 por mês para auxiliar povos não alcançados. Diante do potencial financeiro e pessoal, a média mensal de oferta dos evangélicos para povos que possuem até 5% da sua população denominada *cristã* não chega a R\$ 1,00. Smith corrobora esta tese ao afirmar:

Se dermos à obra missionária o primeiro lugar, então contribuiremos mais para missões do que para qualquer outra coisa. Se não for assim, é porque alguma outra coisa assumiu o primeiro lugar [...]. Se a evangelização do mundo é a tarefa mais importante da Igreja, então devemos investir a maior parte dos nossos recursos nesse

77 LADD, George Eldon. *O Evangelho do Reino*. In: WINTER, Ralph D.; HAWTHORNE, Steven H.; BRADFORD, Kevin D. *Perspectivas no movimento cristão mundial*. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 94.

78 LUZ EM AÇÃO. Projeto Tetelestai – a história eterna da redenção. Disponível em: <https://www.luzemacao.com/projetos/tetelestai/>. Acesso em: 14 nov. 2021, às 20:09h.

departamento mais importante. De outra maneira, não estaremos crendo que a evangelização do mundo é a tarefa suprema da Igreja. Tenho conhecido pouquíssimos ministros do evangelho que realmente acreditam que a evangelização do mundo é a sua tarefa mais importante.⁷⁹

Compreende-se, então, que a missão da Igreja está para além de uma ordem, ela envolve o desejo ardente de proclamar e espalhar o bom perfume de Cristo, porque tem a convicção e esperança no plano de Deus para a humanidade. Isso revela que “Deus tem um propósito e que Ele revelou seu propósito na História em Cristo e em sua Palavra”.⁸⁰

É preciso reiterar, ainda, que a falta de envolvimento financeiro da Igreja revela o distanciamento entre o sentido do fazer missões e do seu envolvimento com missionários e evangelistas, principalmente a presença física da Igreja nos campos missionários ao redor do globo. Nesse sentido, Busenitz traz o questionamento de Edwards: Qual é a cosmovisão da Igreja acerca da missão que lhe foi confiada? Ao se manifestar sobre a missão da Igreja, Edwards traz à lembrança, a cosmovisão dos primeiros líderes da Igreja manifestada em seus atos:

A mensagem do Evangelho que os apóstolos pregavam sempre chamava pecadores ao arrependimento e a abraçarem a Cristo. Foram fiéis ao pregar o Evangelho como tinham recebido de Jesus. Devemos fazer o mesmo. Infelizmente, a igreja suavizou a mensagem do Evangelho, frequentemente removendo toda a ênfase no pecado e na necessidade de arrepender-se. Mas o verdadeiro Evangelho – aquele que Jesus e os apóstolos pregaram, e aquele que devemos pregar – requer tanto a fé genuína quanto arrependimento sincero, uma disposição sincera de abandonar o pecado e seguir a Cristo. Os apóstolos compreenderam bem o Evangelho. Eles também demonstraram uma disposição

79 SMITH, 2009, p. 40.

80 LADD, 2009, p. 94.

corajosa de sofrer pela verdade. Negaram-se a si mesmos, tomaram a sua cruz diariamente e seguiram a Cristo. Seu sacrifício pelo Evangelho significa ir a culturas desconhecidas, manter um compromisso inquebrável e arcar com as consequências.⁸¹

A partir da afirmação de Edwards, ora trazida por Busenitz, é possível reencontrar o sentido atribuído à missão e ao ato de se posicionar, afinal, entre os grandes exemplos a seguir, os apóstolos ainda são referências. Se, porém, do céu os discípulos monitorassem a Igreja, utilizando um drone, as ações missionais seriam alvo de revisita. Entre muitas reflexões, eles se perguntariam: “*o que fizeram com a Igreja?*”

Não seria aqui, o caso de a Igreja, na prática de sua missão, seguir o exemplo do bom pescador? Aparentemente, a pouca importância dada ao Evangelismo e às Missões resume o trabalho eclesiástico desenvolvido dentro das quatro paredes do templo. Baalen apresenta um pressuposto desse despreparo:

O estudo das seitas convencerá os cristãos evangélicos da necessidade de estudarem mais cuidadosamente a fé que foi entregue aos santos. Mórmons, Testemunhas de Jeová e Adventistas do Sétimo Dia trazem na ponta da língua seus ‘textos de prova’, carregando muitas vezes, Bíblias com as respectivas passagens assinaladas a vermelho e azul. Os adeptos da sã doutrina, ao contrário, frequentemente são incapazes de confrontar esses textos com argumentos convincentes e conclusivos nas escrituras.⁸²

A falta de segurança bíblica entre os cristãos demonstra um grande abismo ativista em determinados pontos. Há carência no trato com protestantes que aderiram a seitas. E quanto ao trato com adeptos de outras religiões que não possuem raízes no Judaísmo? Esta é outra fossa abissal encontrada no seio da Igreja.

81 BUSENITZ, 2018, p. 200.

82 BAALEN, J. K. Van. **O caos das seitas**: um estudo sobre os “ismos” modernos. São Paulo: Batista Regular, 1979, p. 12.

Nessa perspectiva, o crente deve estudar o seu “peixe”: Como ele se mostra? Por que gosta do ambiente “X”? O que o levou a tomar tal atitude? A convivência apresentará a realidade do peixe, contudo, é na antecipação que se adquire o conhecimento sobre a espécie, resultando numa pesca de qualidade. Provavelmente, o pescador obterá sucesso na pescaria, e o resultado terá “sabor” de vitória.

Semelhantemente, o evangelista deve ir ao campo com as ferramentas lapidadas, preparadas e utilizadas no manejo. Nesse processo, ele demonstra que se esforçou na aquisição do conhecimento específico para utilizar as ferramentas ideais e, assim, fazer ótima pescaria.

Algumas questões quanto às pessoas ou grupos sociais precisam ser refletidas pelo evangelista e missionário no campo de ação: “Em que acreditam as pessoas que me cercam?”; “Sua fé equivale à mesma que o Senhor Jesus deixou?”; “Qual a sua perspectiva sobre a realidade?” “Como ela avalia os fatos e acontecimentos em sua vida?”; “A quem ela atribui o dom da vida?”; “Existe propósito para a vida?”

Certamente, algumas dessas pessoas ou grupos acreditam em algo sobrenatural/superior. Eis a necessidade de o ser humano conhecer as Escrituras e fazer mais para ganhar este peixe. Conhecer as diversas cosmovisões possibilita ter acesso à visão que o descrente possui sobre Deus.

Martin defende a ideia da familiarização com as seitas e ilustra a situação, usando o seguinte exemplo prático:

A associação de bancos dos Estados Unidos utiliza para treinamento de pessoal um recurso, que exemplifica bem o nosso objetivo. Todos os anos eles levam a Washington centenas de caixas para ensiná-los a identificar o dinheiro falso, que sempre acarreta enormes prejuízos para o tesouro do país. O mais interessante é que, nos quinze dias de duração do treinamento, nenhum dos “caixas” manuseia cédulas falsas; só lidam

com notas verdadeiras. É que a direção da associação está convencida de que, se o funcionário estiver bem familiarizado com o dinheiro verdadeiro, identificará o falso assim que lhe cair nas mãos, por mais perfeita que seja a falsificação.⁸³

Ao se familiarizar com Deus em outros contextos religiosos, o cristão compreenderá melhor os pressupostos que sustentam a sua cosmovisão e poderá obter maior êxito no evangelismo pessoal ou de massa. Este é o mote: adquirir esta visão e inserir o conceito do Senhor Jesus no caminho.

Ao conhecer a cosmovisão antecipadamente, torna-se possível uma melhor abordagem com o grupo ou pessoas. Conhecer a visão divina presente nos sistemas de crença orienta o estudo prévio de textos bíblicos específicos que podem favorecer a compreensão sobre a mensagem do Evangelho. Os textos bem escolhidos, previamente minimizam os futuros problemas que podem surgir no Evangelismo.

242

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao observar as lentes de interpretação com a lupa da cosmovisão cristã, percebe-se que a Igreja cosmovisional está mais capacitada para atuar eficazmente na comunidade inserida. Seus membros são homens e mulheres capazes de ouvir, entender e evangelizar com sabedoria os determinados grupos propostos.

Ao ter conhecimento sobre a cosmovisão, faz-se necessário torná-la pública porque uma informação pode dar abertura à criação de estratégias evangelísticas e missiológicas. Uma das formas que podem ser utilizadas no processo de disseminação das informações é o uso de dispositivos móveis. Entende-se, assim, que é preciso lançar mão dos recursos disponíveis na sociedade, que podem ser instrumentos com conteúdos essenciais àqueles que estão envolvidos em diferentes áreas ministeriais.

83 MARTIN, Walter. O império das seitas. Belo Horizonte: Betânia, 1992, p. 16.

O aprimoramento das ações é uma recomendação necessária ao bom desenvolvimento do trabalho no campo de atuação do missionário, que requer qualificação para a boa convivência com grupos pertencentes a outras cosmovisões.

Diante desse cenário observa-se que há carência de especialistas na prática do Evangelismo e no exercício das Missões com determinados grupos religiosos, que são alvos a serem alcançados pela mensagem transformadora do Evangelho, o que requer o aprofundamento do estudo sobre as bases cosmovisionais.

Há, também, líderes religiosos que não acordaram para a necessidade de pessoas especializadas no alcance dos grupos de determinados credos. Por essa razão, recomenda-se o ensino da cosmovisão no contexto de Institutos Bíblicos locais e Seminários Teológicos.

REFERÊNCIAS

ACHARYA, Rajneesh. **Além e mais além** (Beyond and Beyond). Bombay: Kendra, 1970.

BAALEN, J. K. Van. **O caos das seitas**: um estudo sobre os “ismos” modernos. São Paulo: Batista Regular, 1979.

BERNEBURG, Erhard. **Das verhältnis von verkündigung und sozialer aktion in der evangelikalen missionstheorie**: unter besonderer berüksichtigung der lausanner bewegung für weltevangalisation (1974-1989). Wuppertal: Borckhaus, 1997.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João de Almeida, revista e atualizada no Brasil. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BOCCHINO, P.; GEISLER, N. L. **Fundamentos inabaláveis**: respostas aos maiores questionamentos contemporâneos sobre a fé cristã: clonagem, bioética, aborto, eutanásia, macroevolução. Tradução de Heber Carlos de Campos. São Paulo: Vida, 2003.

BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. Tradução de Ilson Kayser. 8.ed. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

BUSENITZ, Nathan. **Homens da Palavra**. Eusébio: Peregrino, 2018.

CAMPOS JÚNIOR, Heber Carlos de. **Amando a Deus no mundo: por uma cosmovisão reformada**. São José dos Campos: Fiel, 2019.

CARVALHO, Fátima Franco Oliveira; CHING, Hong Yuh (Orgs.). **Práticas de ensino-aprendizagem no ensino superior: experiências em sala de aula**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2016.

CHALLAYE, Félicien. **Pequena história das grandes religiões**. Tradução de Alcântara Silveira. São Paulo: Instituição Brasileira de Difusão Cultural, 1962.

CHAN, Francis. **Multiplique: discípulos que fazem discípulos**. São Paulo: Mundo Cristão, 2015.

CIPRIANI, Roberto. **Manual de Sociologia da Religião**. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2007.

COLSON, Charles; PEARCEY, Nancy. **E agora, como viveremos?** Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **Introdução à cosmovisão reformada: um desafio a se viver responsavelmente a fé professada**. Goiânia: Cruz, 2017.

DEVER, Mark. **O Evangelho e a Evangelização**. São José dos Campos: Fiel, 2011.

DOMINGUES, Gleyds Silva. Cosmovisão e educação: panorama histórico e temático. *In*: DOMINGUES, G. S.; RUPPENTHAL NETO, W. (Orgs.). **Cosmovisão e Educação: panorama histórico e temático**. Curitiba: Emanuel, 2018a.

DOMINGUES, Gleyds Silva. **Diretrizes para a educação cristã bíblica**: por uma nova proposta educacional. Curitiba: Emanuel, 2018b.

DOMINGUES, Gleyds Silva. Os sentidos da formação humana presentes nas cosmovisões cristã e secularista e a proposta do ato educativo. Congresso Internacional da Faculdades EST. **Anais...** São Leopoldo, RS: EST, v. 2, 2014.

DOMINGUES, Gleyds Silva. **Visão de mundo e a lente bíblica para a ler a realidade**. Curitiba: Discipular, 2021.

GEISLER, Norman L. **Enciclopédica apologética**: respostas aos críticos da fé. São Paulo: Vida, 2002.

GEISLER, Norman L.; TUREK, Frank. **Não tenho fé suficiente para ser ateu**. São Paulo: Vida, 2006.

GOHEEN, Michael W.; BARTHOLOMEW, Craig G. **Introdução à cosmovisão cristã**: vivendo na intersecção entre a visão bíblica e a contemporânea. Tradução de Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2016.

HIEBERT, Paul. **Transformando cosmovisões**: uma análise antropológica de como as pessoas mudam. São Paulo: Vida Nova, 2016.

HORRELL, J. Scoot. Uma cosmovisão trinitariana. **Vox scripturae**. Faculdade Luterana do Paraná, 2014. Disponível em: <http://vox.flt.edu.br/download/38/261/uma-cosmovisao-trinitariana>. Acesso em: 23 ago. 2021.

KELLER, Timothy. **Deus na era secular**: como cétricos podem encontrar sentido no Cristianismo. São Paulo: Vida Nova, 2018.

LADD, George Eldon. O Evangelho do Reino. *In*: WINTER, Ralph D.; HAWTHORNE, Steven H.; BRADFORD, Kevin D. **Perspectivas no movimento cristão mundial**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

LIDÓRIO, Ronaldo. **Introdução à Antropologia Missionária**. São Paulo: Vida Nova, 2011.

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. **Teorias do currículo**. São Paulo: Cortez, 2011.

LUZ EM AÇÃO. **Projeto Tetelestai** – a história eterna da redenção. Disponível em: <https://www.luzemacao.com/projetos/tetelestai/>. Acesso em: 14 nov. 2021, às 20:09h.

MADUREIRA, Jonas. **Inteligência humilhada**. São Paulo: Vida Nova, 2017.

MANGALWADI, Vishal. **Verdade e transformação: um manifesto para curar as nações**. Curitiba: Publicações Transforma, 2009.

MARTIN, Walter. **O império das seitas**. Belo Horizonte: Betânia, 1992. Vol. II.

McDOWELL, Stephen; BELILES, Mark. **Libertando as nações: princípios bíblicos de governo, educação, economia e política**. Belo Horizonte: Associação Conferência Profética, 1995.

McGRATH, Alister E. **Paixão pela verdade: a coerência intelectual do Evangelicalismo**. São Paulo: Shedd Publicações, 2007.

McKERNAN, James. **Currículo & imaginação: teoria do processo, pedagogia e pesquisa-ação**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

MILLER, Darrow L. **Discipulando nações: o poder da verdade para transformar culturas**. Curitiba: Fato É, 2003.

MILLER, Darrow. **Discipulando naciones: el poder de la verdad para transformar culturas**. Manágua: Nicarágua, 2001.

NASH, Ronald. **Cosmovisões em conflito: escolhendo o Cristianismo em um mundo de ideias**. Brasília: Monergismo, 2012.

PEARCEY, Norma. **Verdade absoluta: libertando o Cristianismo de seu cativoiro cultural.** Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

POUPARD, Paul. **Diccionario de las religiones.** Barcelona: Herder, 1987.

RINALDI JR., Roberto. Visão panorâmica da Educação Cristã. *In: RINALDI, Ana Beatriz et al. Abordagem educacional por princípios: um primeiro olhar.* São Paulo: AECEP, 2018.

RYKEN, Philip. **Cosmovisão cristã: com guia de estudos e glosário.** São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

SACRISTÀN, José Gimeno. O que significa o currículo? *In: SACRISTÀN, José Gimeno (Org.). Saberes e incertezas sobre o currículo.* Porto Alegre: Penso, 2013.

SIRE, James. **O universo ao lado.** São Paulo: Hagnos, 2001.

SMITH, Oswald. **O clamor do mundo.** 2.ed. São Paulo: Vida, 2009.

SOUZA, Rodolfo Amorim Carlos de. Cosmovisão: evolução do conceito e aplicação cristã. *In: LEITE, Claudio Antônio Cardoso; CARVALHO, Guilherme Vilela Ribeiro de; CUNHA, Maurício José Silva (Orgs.). Cosmovisão cristã e transformação.* Viçosa: Ultimato, 2006.

STETZER, Ed. **Plantando igrejas missionais: como plantar igrejas bíblicas, saudáveis e relevantes à cultura.** São Paulo: Vida Nova, 2015.

WALSH, Brian; MIDDLETON, J. Richard. **A visão transformadora.** São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

WASHER, Paul. **O verdadeiro Evangelho.** São José dos Campos: Fiel, 2012.